

Para Ulysses, culpa é de 20 anos de erros

AGÊNCIA ESTADO
E SERVIÇO LOCAL

"Todos os presidentes, uns mais, outros menos, não têm o dom de agradar a todo mundo. Se você pegar Jesus Cristo e colocar na Presidência da República eu não sei se ele vai conseguir agradar a todo mundo." Com essas palavras, o presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP), justificou, ontem, em Brasília, as manifestações contra o presidente José Sarney em Belém. "Entendo que o presidente Sarney está enfrentando dificuldades que vieram de 20 anos de erros, isso tem se concentrado muito na sua pessoa." Ulysses garantiu que Sarney não sofreu agressão física.

No Rio, o governador Moreira Franco (PMDB) afirmou que "temos de aprender que a ordem democrática tem de substituir a ordem autoritária, e não a ordem autoritária ser substituída por uma desordem, pela falta de respeito às instituições". Para ele, "a pessoa do presidente da República, em regime democrático, representa o próprio respeito às instituições".

O governador do Ceará, Tasso Jereissati, "não foi informado oficialmente sobre o que aconteceu em Belém e, exatamente por isso, não omitirá nenhuma opinião", disse um assessor, em Fortaleza. "O povo está desgostoso com o presidente", afirmou o presidente da Assembleia Legislativa cearense, Antônio Câmara (PMDB), que, no entanto, condena qualquer ato de violência física. "Infelizmente devemos reconhecer que o presidente José Sarney não tem mais nenhuma perspectiva à frente do governo, pois está desacreditado", observou. "Ele propõe reformas e não as faz. Aliás, prefere promover reforma em caráter íntimo, ou seja, substitui seu genro por seu filho."

O governador gaúcho Pedro Simon recusou-se em Porto Alegre a fazer qualquer comentário sobre o incidente de Belém. Defensor de mandato de cinco anos para Sarney e da implantação do parlamentarismo apenas a partir da posse de seu sucessor, Simon argumentou que não tinha informações precisas sobre o que ocorreu no Pará. "O presidente José Sarney está colhendo o que semeou, ao compor um governo de compadres, de Ferrovia Norte-Sul a qualquer custo, de incompetência flagrante", disse o presidente do grupo Ughini — maior atacadista do Rio Grande do Sul — Alcécio Ughini. Segundo ele, "o País não aguenta mais 15 meses de desgoverno" e defendeu eleições gerais para no máximo 120 dias após a promulgação da nova Constituição. E acrescentou: "Seria

interessante até o Sarney renunciar, abrindo caminho para as eleições gerais".

Em Belo Horizonte, o presidente da Federação do Comércio de Minas Gerais, Renato Rossi, atribuiu as manifestações contra Sarney a "correntes que estranham o propósito do presidente de assumir uma postura mais enérgica e desejam a baderna em proveito próprio". Ressaltou que "o País só pode encontrar seu caminho dentro de um clima de respeito. Só tiram proveito da baderna os pescadores de águas turvas".

O governador de Sergipe, Antônio Carlos Valadares (PFL), lamentou em Sergipe a manifestação contra o presidente, que "tem feito um grande esforço para resolver os problemas nacionais e não merece hostilidades dessa natureza". Em Florianópolis, o governador Pedro Ivo Campos manteve silêncio, mas o ex-governador Esperidião Amin disse que a manifestação foi "um degrau na escalada da insatisfação popular". E acrescentou: "O cidadão José Sarney só tem uma possibilidade de sair com honra da presidência: adotando a idéia da eleição para presidente da República no ano que vem".

"Estamos na fase final da transição e é importante terminarmos logo a nova Constituição, para evitar que episódios como esses se repitam", afirmou em São Paulo o 1º vice-presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, para quem há um vazio no poder muito grande, com espaço para protestos como o de Belém. "Esse tipo de manifestação pode ser da direita para justificar saídas autoritárias", reagiu em Brasília o deputado José Genoíno (PT-SP) às acusações atribuídas ao governador do Pará, Hélio Gueiros, segundo o qual o PT teve a responsabilidade nas hostilidades contra Sarney.

As manifestações de ontem "fazem parte de uma rotina de um país democrático, e a democracia é ruidosa, é exaltada, e os regimes que não são ruidosos e exaltados são os regimes ditatoriais, fechados, sinistros e soturnos", afirmou no Rio o vice-presidente do PDT, Doutel de Andrade. "O presidente tem de conviver com isso, é o ônus inseparável do fracasso de sua administração." Em João Pessoa, o deputado Ramalho Leite, líder do PMDB e do governo da Paraíba, disse que "não se pode chegar ao regime democrático através da violência e por isso essas manifestações merecem todo o meu repúdio". O prefeito de Curitiba, Roberto Requião (PMDB), afirmou que "o momento exige dureza" e considerou as manifestações "inoportunas e irresponsáveis".